

# Agitos no Parque

Arquivo 4 12 86

## A Escola de Artes Visuais do Parque Laje convida os cariocas para o hoje raro exercício do pensamento

Anabela Paiva

Um perfume renascentista paira no ar ainda puro do Parque Laje. Relembrando os tempos em que os que se dedicavam à cultura praticavam as artes e a ciência com igual entusiasmo, a Escola de Artes Visuais abriu as portas de seus ateliês à discussões sobre economia, humor, performance, sociologia e psicanálise, conduzidas por gente tão diversa quanto Fernando Gabeira, Edmar Bacha, Fausto Fawcett, Millôr Fernandes e Herbert Betinho de Souza. A diretoria da EAV não espera que este caldo cultural desenvolva um novo Leonardo da Vinci, que no século XVI ao mesmo tempo assobiava, pintando a Mona Lisa, e chupava cana, inventando um antepassado do helicóptero. Mas pretende que os alunos da Escola eduquem o paladar para saborear os muitos temperos da salada social:

— O conceito de arte é muito maior que o mero exercício da técnica. É também um exercício intelectual, comprometido com a sociedade, nos seus mais variados aspectos — explica a coordenadora de ensino da EAV, Giordana Holanda. Para ela, o debate também tem função social: "Não estamos vivendo apenas a crise político-econômica, mas também uma crise de idéias. É parte do papel do intelectual pensar saídas para este momento, através de discussões que envolvam todos os ramos do pensamento."

Para instaurar nos cursos da Escola o hábito de trocar idéias, a direção da EAV que assumiu em meados do ano passado traçou um extenso roteiro do bate-papo no primeiro semestre de 88, no qual muitas programações são abertas aos cariocas não-matriculados nos cursos regulares da escola. A cada semana, um assunto é o tema central das atividades, divididas em entrevistas, seminários e o *Forum de Idéias*.

Inaugurado semana passada, dia 22, com uma palestra do psicanalista Fábio Lacombe, o Forum encheu durante quatro dias o auditório enfeitado por variações modernas sobre a tela *Le desceur sur l'art*, de Manet. Não foi à toa. O tema

era a pergunta que todo brasileiro já se fez algum dia: "Por que o Brasil está fracassando?" Por trás dos copos de água mineral, o economista Edmar Bacha, o humorista Millôr Fernandes e o escritor e jornalista Fernando Gabeira sucederam Lacombe como debatedores. Ninguém descobriu a fórmula para o Brasil dar certo. Mas muita gente marcou encontro na próxima semana, de novo às 20h, para discutir *Colonialismo e Cultura Brasileira*.

Contente com o sucesso da primeira semana, o coordenador do Forum, Gianguido Bonfandi, acredita que na EAV está se formando um núcleo de discussão coordenada. Isso é fundamental para a cidade, pois no Rio não existe um espaço assim. O MAM está fechado, a Funarte promove debates esporádicos. Estamos vivendo uma crise de idéias muito grande, a modernidade está no fim. Isso tudo tem de ser pensado, pra ver se a gente acha a tal luz do fim do túnel."

Segundo Bonfandi, entre os que foram participar desta procura, sentando-se nas cadeiras desconfortáveis para assistir às palestras, "a maior parte era de fora. Alunos carregados de papel e pincéis eram minoria. O público compunha-se de advogados, professores, psicanalistas, estudantes e jornalistas que, ao invés de gastar os CZ\$ 250 cobrados na entrada para ir ao cinema preferiram refletir por duas horas sobre os descaminhos da antiga Pindorama.

O fracasso e o sucesso também foram tema, semana passada, do seminário da artista Fayga Ostrower. Esse interrelacionamento prossegue nas próximas programações, todas abertas ao público. Paralela à discussão sobre *Colonialismo e Cultura Brasileira* desta semana corre o seminário *Colonialismo e Mercado de Arte*. De 11 a 16 de abril, o tema do Forum será *Tropicalismo e Anos 60*. Por isso, o seminário versará sobre o *Moderno e o Arcaico* na cultura brasileira e o teatrólogo José Celso Martinez Correa, um dos teatrólogos que mais se destacou naquela década, dará uma entrevista sobre a sua obra.

## Uma mistura que abre o apetite

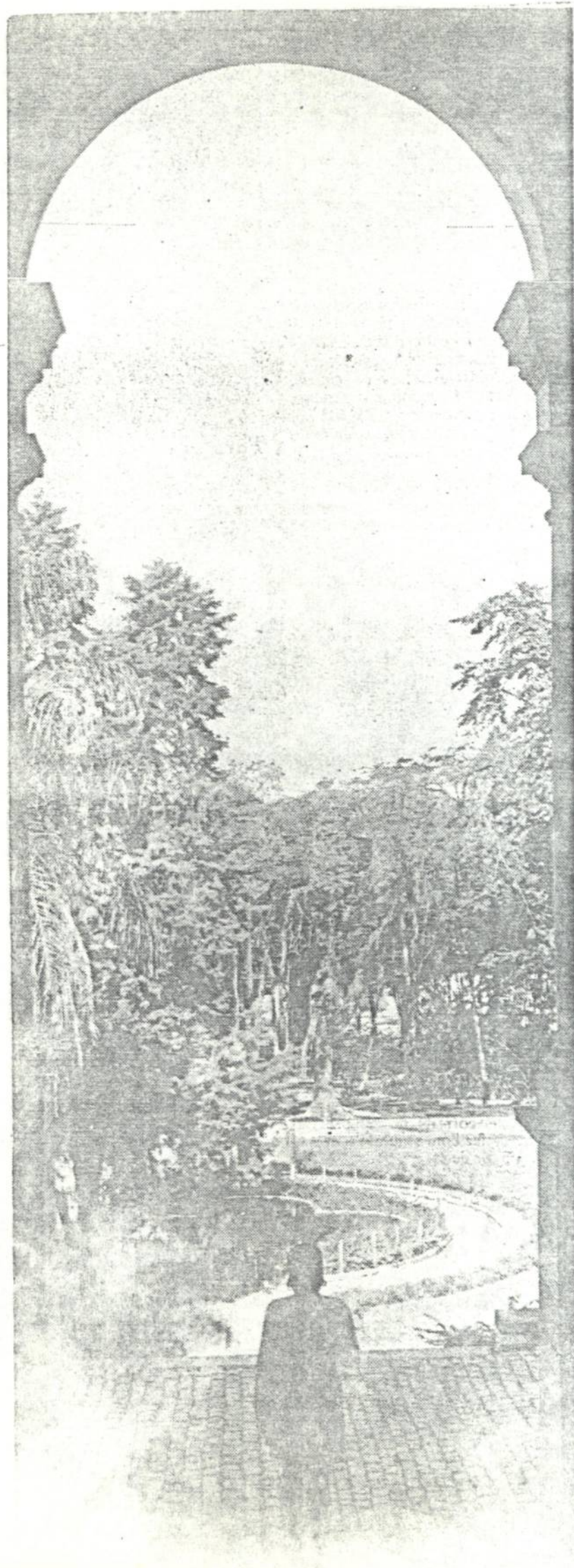
A realização de debates e o estímulo à discussão entre os alunos foram apenas duas das idéias que o diretor da Escola de Artes Visuais, Frederico Moraes, trouxe na sua pasta de pesquisador, ao assumir em 87. "Antes, os cursos eram completamente desvinculados um do outro. A escola praticamente alugava os ateliês", lembra Gianguido Bonfandi, diretor de um dos núcleos de ensino criados pela nova direção. A coordenadora de ensino Giordana Holanda concorda: "A gestão anterior fez belas exposições. Mas nós estamos mais preocupados em dar uma formação global ao aluno."

Na praça da escola, por onde passam todos os 600 alunos, acontecem cursos básicos para a formação de artistas de qualquer especialidade, como Teoria da Forma, Cor, Percepção e Imaginação e História da Arte. O desenvolvimento das seis artes através dos séculos também pode ser conhecido regularmente através da sétima — semanalmente, são exibidos curtas-metragens sobre movimentos artísticos, como o surrealismo e o expressionismo. Bom programa para amantes da cultura de bolsos vazios: a entrada é franca.

De graça também serão as exposições que a diretoria pretende realizar no velho casarão do Conde Laje. Por enquanto, contudo, só a que atualmente está em cartaz — *Manet no Brasil* — e as programações *Jardim de Esculturas* e a *I Bienal de Esculturas*, que já receberam apoio do governo do Estado, podem se contar como certas. "Estamos dependendo de patrocínio, pois a escola vive apenas da sua arrecadação. Somos vinculados à Secretaria de Estado de cultura, que apenas mantém o prédio e paga as contas de luz e telefone", revela Giordana Holanda. A dureza obrigou o coordenador do *Forum Cultural*, Bonfandi, a determinar a venda de ingressos para cada palestra. "Como somos ligados ao governo, legalmente não poderíamos cobrar. Mas estamos muito mal financeiramente e precisamos pagar aos palestrantes pelo menos uma importância simbólica, como estabelecemos: CZ\$ 2.460, ou três OTN's", justifica ele.







## Um bate-papo de muito bom humor

— Eu sou contra o debate. Ninguém deve debater nada. Inclusive, agora que os militares tomaram o poder novamente, eu acho que só eles devem falar. Os civis precisam se recolher ao seu devido lugar.

Apesar da declaração zombeteira, dita em resposta à indagação da repórter sobre a importância da criação do *Forum de Idéias* para a cultura da cidade, o humorista Millôr Fernandes não se furtou a participar do debate promovido pela Escola de Artes Visuais, dia 24 de março, sobre o tema "Porque o Brasil está fracassando?". Sorridente, aplaudido pelo público de 120 pessoas, Millôr fez questão de explicar à platéia que não tinha "a menor idéia" de por que o haviam escolhido para abordar este assunto:

— Eu sempre sou envolvido pelos amigos. Chamaram — "é daqui a seis meses" — e eu aceitei, pensando que o dia não ia chegar nunca. Acabou chegando, e vim aqui sem saber sobre que iria falar. Disseram que era para explicar o fracasso do Brasil. Mas eu jamais soube que o Brasil estivesse vencendo em algum momento!

Risos gerais. Foram apenas os primeiros das gargalhadas que pontuaram as duas horas de exposição de Millôr, na qual ele simplesmente constatou que "ninguém sabe por que em algum momento os Estados Unidos e a Inglaterra deram certo e o Paraguai até hoje não deu". Esclareceu muito pouco sobre os mistérios da organização econômica e política do país. Mas divertiu muito.

Os millôrfernandófilos que não se aventuraram pela escuridão noturna do Parque Laje perderam a oportunidade de ver seu ídolo pedir a liberação total das drogas ("pois só assim se conseguirá acabar com a convivência entre o traficante e a polícia"), criticar Fernando Gabeira ("ele me decepcionou quando voltou atrás, dizendo que não defendia a liberação da maconha. De concessão em concessão, quando o político chega ao poder descobre que virou Jorge Leite), lembrar os tempos em que *enchia a cara* com Nelson Rodrigues ou Orestes Barbosa e lançar seu candidato a presidente:

— Se tivéssemos um homem como o Waldir Pires, pelo menos teríamos uma pessoa de bem, com preocupação social e bom humor. O Quéricia, o Newton Cardoso, não vão fazer nada. A biografia define o político. Política sem biografia é taxidermia.

Debate, mesmo, não houve. Talvez o colosso da inteligência que se adivinhava por trás da cabeça um pouco calva tenha intimidado os assistentes. Só um rapaz vestido com uma camisa do PT arriscou combater as idéias de Millôr, quando este atacou a reserva de informática "Vamos adotar a posição retrógrada de proibir Ulisses porque temos Guimarães Rosas").

— O senhor está falando como o Roberto Campos — acusou.

Foi um começo.

André Durão



Millôr e o fracasso do Brasil: